
RELATÓRIO PIB AGRO MINAS GERAIS



DEZEMBRO/16*

Agribusiness GDP – Outlook

* ANÁLISE ELABORADA COM DADOS DISPONÍVEIS ATÉ MARÇO/17.



RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais

AGRIBUSINESS GDP – OUTLOOK

O Relatório PIB Agro – Minas Gerais é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da ESALQ/USP, com o apoio financeiro da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa). Há também o apoio operacional e técnico da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos e subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) serviços. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais recente.

Os cálculos sobre a variação do volume partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

O acompanhamento mensal detalhado do agronegócio mineiro abrange os principais produtos na composição no PIB do setor para o estado. Os produtos e cadeias produtivas menos relevantes em termos de participação sobre o total não são acompanhados mensalmente pelas expectativas de produção e variação de preço, mas constam no cômputo total de modo agregado.

Equipe Responsável

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular ESALQ/USP

Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Leandro Gilio, Me., Nicole Rennó Castro, Me., Gustavo Ferrarezi

Giachini, Bel., Pesquisadores do CEPEA

Ana Carolina de Paula Morais, colaboradora do CEPEA.



APRESENTAÇÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa) e também com os apoios operacional e técnico da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais (Senar-AR/MG), apresentou ligeiro crescimento de 0,05% em dezembro, fechando o ano com alta de 8,20% com relação a 2015 (Figuras 1 e 2; Tabela 1).

No mês, registrou-se queda nos segmentos industriais (-0,23%) e serviços (-0,06%) frente à projeção anterior. Para os demais, verificaram-se altas de 0,92% para insumos e de 0,23% para primário – Figura 1 e Tabela 1. No acumulado de 2016 (janeiro a dezembro), estimam-se altas de 12,84% para indústria, de 8,20% para serviços, de 5,96% para primário e de 3,40% para insumos – Figura 2 e Tabela 2.

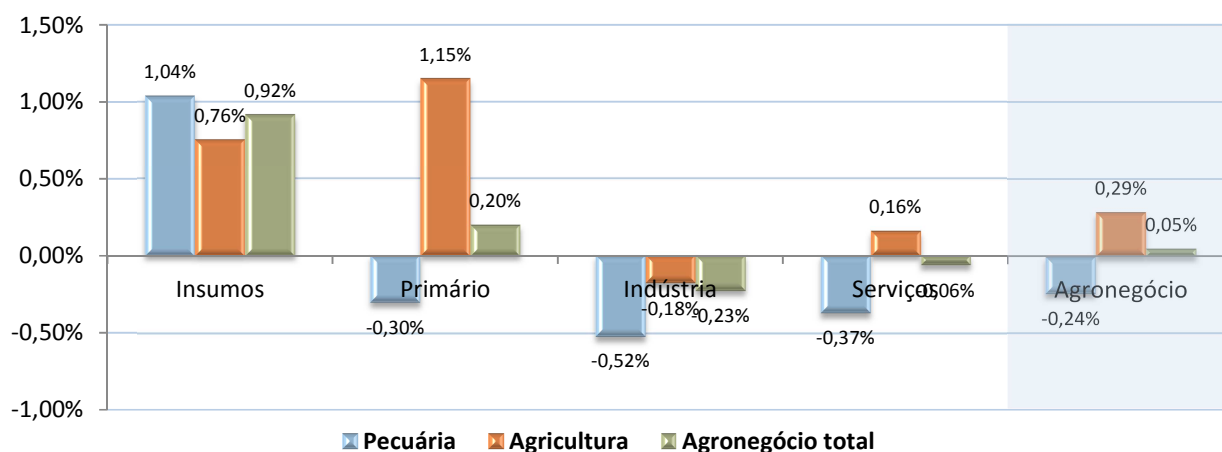


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro em dezembro de 2016 (%)

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar.

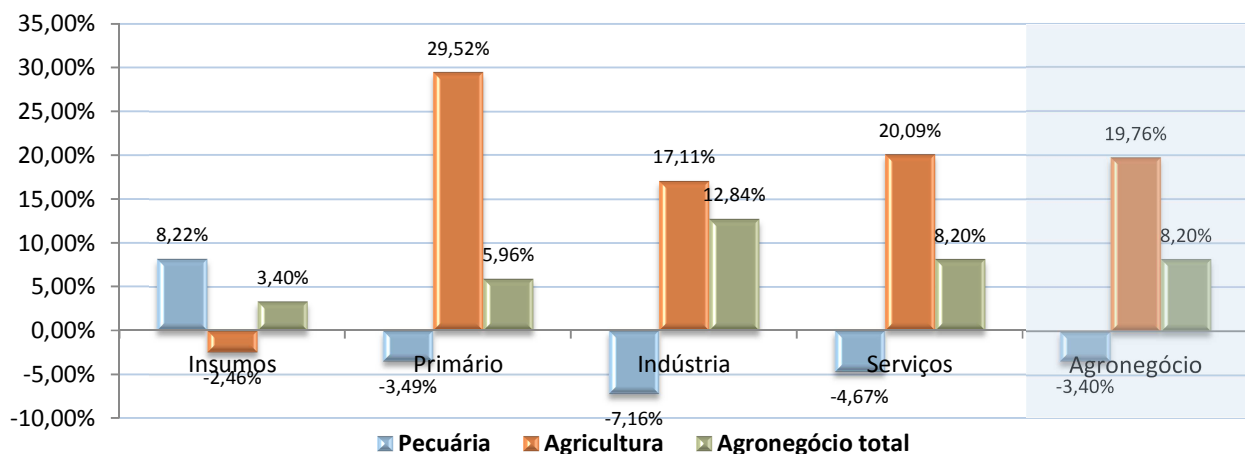


Figura 2 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio mineiro acumuladas em 2016 (%)

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

Com o crescimento de 0,05% em dezembro/16, o PIB do agronegócio mineiro fecha 2016 estimado em R\$ 204,425 bilhões (a preços de dezembro/16) – alta de 8,20% com relação a 2015. Desse valor, estima-se que R\$ 113,298 bilhões (55,42%) sejam resultantes do ramo da agricultura e R\$ 91,127 bilhões (44,58%), do pecuário (Tabela 3).

EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

O ramo agrícola, formado pelo conjunto das cadeias produtivas da agricultura¹, apresentou crescimento de 0,29% em dezembro/16. Esse resultado é reflexo das elevações observadas nos segmentos primário (1,15%), insumos (0,76%) e serviços (0,16%), visto que houve queda apenas na indústria (-0,18%). Já para o ramo pecuário, observa-se redução de 0,24% em dezembro. Entre os segmentos, neste ramo, em dezembro houve alta apenas no de insumos (1,04%) e recuo nos demais: de 0,52% para indústria, de 0,37% para serviços e de 0,30% para primário.

INSUMOS

O segmento de insumos apresentou crescimento de 0,92% em dezembro, acumulando elevação de 3,40% em 2016 (Figuras 1 e 2). Entre os ramos, a avaliação anual indica alta de 8,22% no pecuário e queda de 2,46% no agrícola com relação ao mesmo período do ano anterior. O resultado positivo de insumos reflete, principalmente, o crescimento do faturamento nas atividades de alimentação animal (14,14%), dada a redução observada em fertilizantes (-1,62%) e combustíveis e lubrificantes (-7,32%) (Figura 3).

A variação positiva da indústria de rações é decorrente do aumento dos preços reais (11,80%) e da alta da produção observada no ano (2,10%). De acordo com o Sindirações, o primeiro semestre neste setor foi marcado pela elevação dos preços do milho e farelo de soja, o que desestimulou a compra por grande parte dos pecuaristas. No entanto, a partir do segundo semestre de 2016, houve uma retomada nas aquisições de ração, impulsionada pela redução nos custos da alimentação animal e pelo incentivo provocado pela demanda da pecuária leiteira, favorecida pela alta dos preços do leite.

Para fertilizantes, em 2016, houve crescimento em volume, em 14,94% no ano, mas queda real de 14,41% nos preços (comparação de janeiro a dezembro 2016 com o mesmo período de 2015, já descontada a inflação). De acordo com agentes do mercado, a estabilidade da agricultura, a recuperação do setor sucroenergético e a valorização do Real frente ao dólar ao longo do ano foram fatores importantes na configuração deste cenário para a atividade.

No grupo dos combustíveis, a estimativa de variação negativa do faturamento anual foi motivada pela diminuição de 3,60% na quantidade produzida e de 3,86% nas cotações, em termos reais, se comparadas às do mesmo período do ano anterior.

Na Figura 3, estão as taxas de crescimento anual estimadas com dados até dezembro/16 para os setores de insumos não agropecuários, tomando-se como base os preços médios reais e as estimativas anuais de produção na comparação com 2015. Na Tabela 8, estão os números dos setores que compõem o segmento.

¹ O conceito de cadeia produtiva tratado neste relatório refere-se à sequência de atividades, desde a produção de insumos para a agropecuária, passando pela produção primária e todas as demais atividades de processamento até a distribuição do produto final.

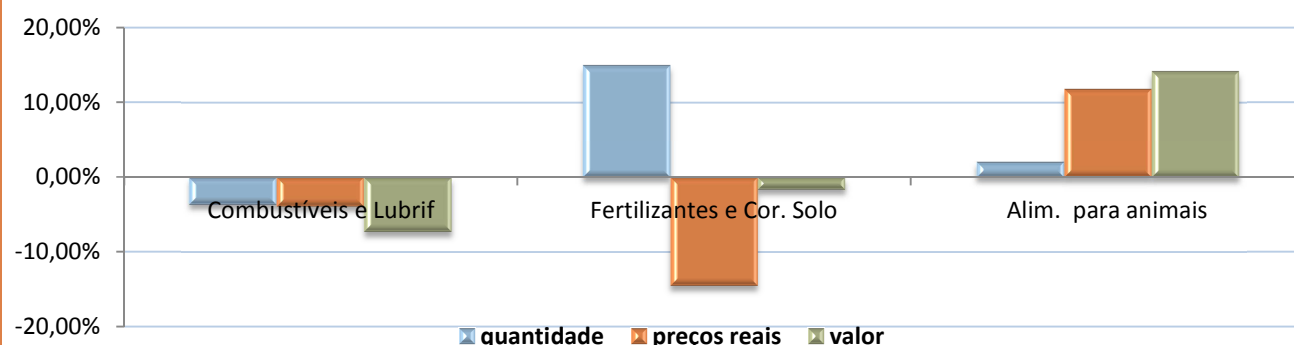


Figura 3 – Variação anual do volume, preços reais e faturamento dos insumos (jan a dez de 2016/jan a dez de 2015)

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados da FGV, ANP, ANDA e IBGE)

ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

O conjunto das atividades primárias agrícolas apresenta expressivo crescimento de 29,52% no acumulado de 2016, comparado a 2015. Nos preços, a média ponderada dos produtos acompanhados teve alta de 13,02% no período, já descontada a inflação. Com relação à produção, estima-se elevação média anual de 17,31%. Na Figura 4, verifica-se o desempenho desagregado entre as culturas, calculado com base nas estimativas de safra e na relação de preços anuais, comparados ao desempenho de 2015. Entre os produtos acompanhados em Minas Gerais, observam-se aumentos nos faturamentos para: mandioca (104,98%), feijão (69,42%), laranja (45,45%), banana (40,57%), café (35,95%), soja (34,25%), milho (27,37%), cana-de-açúcar (13,09%), batata-inglesa (12,64%) e algodão herbáceo (9,34%).

Para o café, produto de grande representatividade na agricultura mineira, a elevação no faturamento anual é reflexo do aumento expressivo da expectativa de produção (36,42%), visto que os preços reais caíram 0,34% na comparação com a média anual de 2015. Segundo a Conab, 2016 foi marcado por maior aumento de área e produtividade da cafeicultura do arábica, com assimilação de áreas de produção que estavam em fase de formação e renovação. Também se destaca que este ano foi de bionalidade positiva em importantes regiões produtoras, como Sul de Minas e Cerrado Mineiro.

Para a cana-de-açúcar, a variação positiva no faturamento anual é reflexo da elevação nas cotações reais (13,60%), já que houve queda de 0,45% para a produção no ano. Segundo a Conab, as chuvas no estado mineiro foram suficientes para recuperar o déficit hídrico registrado no início da safra. No entanto, a Companhia também destacou que, em alguns municípios, houve registro da ocorrência de geada e aumento de temperaturas, que resultaram em queimadas em alguns talhões de lavouras e, com isso, queda na produção de cana.

No caso do milho, a alta de 49,08% nos preços reais no acumulado de 2016 na comparação com 2015 sustentou o faturamento positivo, dado que a produção esperada para o ano registrou queda de 14,56%. De acordo com a equipe Grãos/Cepea, o adiantamento das negociações no final da temporada passada e a forte quebra na produtividade da safra 2015/16 impulsionaram as cotações do cereal na maior parte do ano. Com relação à produção, segundo a Conab, na primeira safra houve retração da área plantada, com período de plantio coincidindo com período de chuvas no estado; já a segunda safra foi afetada pelo clima seco em algumas regiões produtoras no estado.

Para a soja, o crescimento do faturamento anual, de 34,25%, é reflexo do aumento da produção, em 34,72%, visto que os preços reais recuaram 0,34% na comparação entre 2016 e 2015. De acordo com a Conab, em Minas Gerais, a área de plantio da soja apresentou incremento recorde de 11,4% em relação ao exercício anterior, face da melhor competitividade e liquidez do produto. Ainda Segundo a Companhia, as áreas de plantio de soja avançaram em 2016, principalmente, sobre áreas de milho.

No caso do algodão, espera-se redução de 1,76% na produção anual, mas aumento de 11,29% nos preços reais. De acordo com a equipe Algodão/Cepea, os preços do algodão subiram na maior parte de 2016, impulsionados pela baixa disponibilidade de pluma, visto que boa parte da safra 2015/16 foi comprometida

antecipadamente e houve uma inesperada quebra na colheita desta mesma temporada. Assim, a baixa disponibilidade interna e a crescente demanda elevaram as cotações.

Para a cultura da mandioca, o elevado faturamento é reflexo do expressivo aumento de preços reais (106,74%) acumulados no ano de 2016, já que a expectativa é de pequena redução da produção anual (-0,85%). De acordo com pesquisadores da equipe Mandioca/Cepea, o ano de 2016 foi marcado por altas nos preços para a atividade devido à crescente demanda das feculares. Apesar das cotações em alta e da elevação de produção, não foi registrado aumento significativa de área no decorrer do ano, conforme informações de agentes do mercado.

O feijão apresentou crescimento de 69,42% no faturamento anual esperado para 2016, impulsionado tanto por preços 65,13% maiores na comparação entre 2016 e 2015 quanto pelo aumento na produção em 2,60%. De acordo com dados da Conab, em Minas Gerais, o incremento da área resultou em maior produção dos feijões carioca, preto e caupi, apesar da escassez hídrica verificada em algumas regiões.

Quanto à batata-inglesa, a elevação na expectativa de produção foi de 3,87%, enquanto os preços subiram 8,44% na comparação entre 2016 e 2015. Segundo pesquisadores da equipe Hortifruti/Cepea, a oferta de batata esteve limitada durante a safra das secas 2016, uma vez que houve problemas com o excesso de chuvas na temporada das águas 2015/16, o que prejudicou a produtividade no Sul de Minas Gerais. Já no Triângulo Mineiro, a safra de inverno foi marcada pela maior produção em relação a 2015, devido à menor incidência de pragas e doenças.

Para a laranja, o crescimento no faturamento anual reflete a elevação nos valores reais (49,27%), já que houve redução na produção esperada para o ano (-2,56%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a baixa oferta de laranja somada à elevada industrial impulsionou significativamente os preços – a remuneração das processadoras de suco manteve-se em alta no ano. A menor disponibilidade, por sua vez, decorreu do clima desfavorável/quente durante o “pegamento” dos chumbinhos no final de 2015 no cinturão citrícola (São Paulo e Triângulo Mineiro), prejudicando a fase de desenvolvimento da fruta que foi colhida em 2016.

Para a cultura da banana, a variação positiva no faturamento anual é reflexo da elevação nas cotações reais (44,77%), uma vez que houve redução de 2,90% esperado para a produção no ano. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, o cultivo de banana em Minas Gerais apresentou alta rentabilidade em razão das cotações mais elevadas. A equipe destacou, porém, que nas regiões sul e sudeste mineiro as adversidades climáticas no primeiro semestre e no início do segundo limitaram a produtividade dos bananais em 2016.

As demais culturas analisadas recuaram em faturamento no estado: arroz (-30,06%), carvão vegetal (-22,29%) e tomate (-21,35%).

No caso do tomate, o recuo no faturamento é resultado da queda dos preços, de 19,85% na comparação entre 2016 e 2015, e da previsão de menor produção anual, em 1,87%. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, houve redução na área da safra de inverno, devido ao saldo negativo em 2015 e às dificuldades para obtenção de crédito em 2016, prejudicando a produção mineira. No entanto, ainda que 2016 tenha se iniciado com baixa oferta de tomate, o ano foi finalizado com maior disponibilidade no mercado, cenário que pressionou a cotação do fruto.

Quanto ao arroz, a previsão de queda na produção (-37,79%) em relação à safra anterior explicou o recuo no faturamento anual do produto, embora os preços tenham aumentado 12,43% na comparação entre 2016 e 2015. Segundo a Conab, no estado de Minas Gerais, a baixa rentabilidade da cultura, a maior vulnerabilidade a riscos climáticos e as limitações das áreas de produção, especialmente nos sistemas de sequeiro e de várzea úmida, são as principais causas para a menor produção da cultura. Para o carvão vegetal, a previsão é de queda na produção (-13,70%) e nas cotações reais (-11,36%).

O segmento *primário da pecuária* apresentou queda de 0,30% em dezembro, acumulando baixa de 3,49% em 2016 com relação a 2015. O preço médio ponderado acumulado foi 3,64% maior em comparação a 2015, mas a produção anual foi estimada com retração de 7,09%. Ovos, leite e frango fecharam o ano com evolução positiva no faturamento, de 19,78%, 12,97% e 7,16%, respectivamente. Já vacas, bois e suínos fecharam com previsão de queda, de 21,22%, 12,49% e 0,52%, na mesma ordem.

Com relação a bovinos, o ano se encerrou com queda real acumulada nos preços, registrando redução de 3,57% para vacas e de 4,19% para bois, na comparação acumulada de 2016/15. Quanto à produção, registrou-se redução de 18,30% para vacas e de 8,66% para bois no ano. Segundo a equipe Boi/Cepea, a crise econômica interferiu negativamente na atividade, diminuindo o consumo da carne bovina (demanda), resultando em quedas nos preços reais.

No mercado de suínos, houve retração dos preços, de 5,58% na comparação entre 2016 e 2015. Para a produção, registra-se crescimento de 5,36% no ano. Segundo a equipe Suínos/Cepea, a suinocultura sofreu com o alto

preço do milho, visto que elevou significativamente os custos de produção da atividade, refletindo-se nos preços desta carne no mercado, em meio a um ano de demanda enfraquecida.

Na avicultura de corte, os preços fecharam o ano 0,90% maiores, em termos reais, com relação a 2015. Já a produção anual teve alta de 6,20%, conforme dados do IBGE. Na avicultura de postura, o destaque segue para o aumento das cotações, de 14,57% em 2016. Segundo a equipe Aves/Cepea, apesar do aumento no custo de produção, devido à oferta limitada de milho ao longo do ano, a atividade mostrou-se rentável, dada a elevação da demanda, reflexo da crise econômica que levou o consumidor final pela busca de proteínas de menor preço.

Na atividade leiteira, o aumento dos preços em 19,18% reflete no desempenho positivo do faturamento anual da atividade, visto que houve queda de 5,21% na quantidade produzida. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o ano foi marcado pela baixa oferta do produto no mercado devido a adversidades climáticas, que levou a importante elevação de preços, o que manteve a rentabilidade da atividade. A produção voltou a se recuperar apenas no final do ano.

Nas Figuras 4 e 5, são apresentadas variações de volume, preços reais e faturamento real acumulados das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras, tomando-se como base os preços médios de 2016 comparados ao mesmo período de 2015, além de dados anuais de produção.

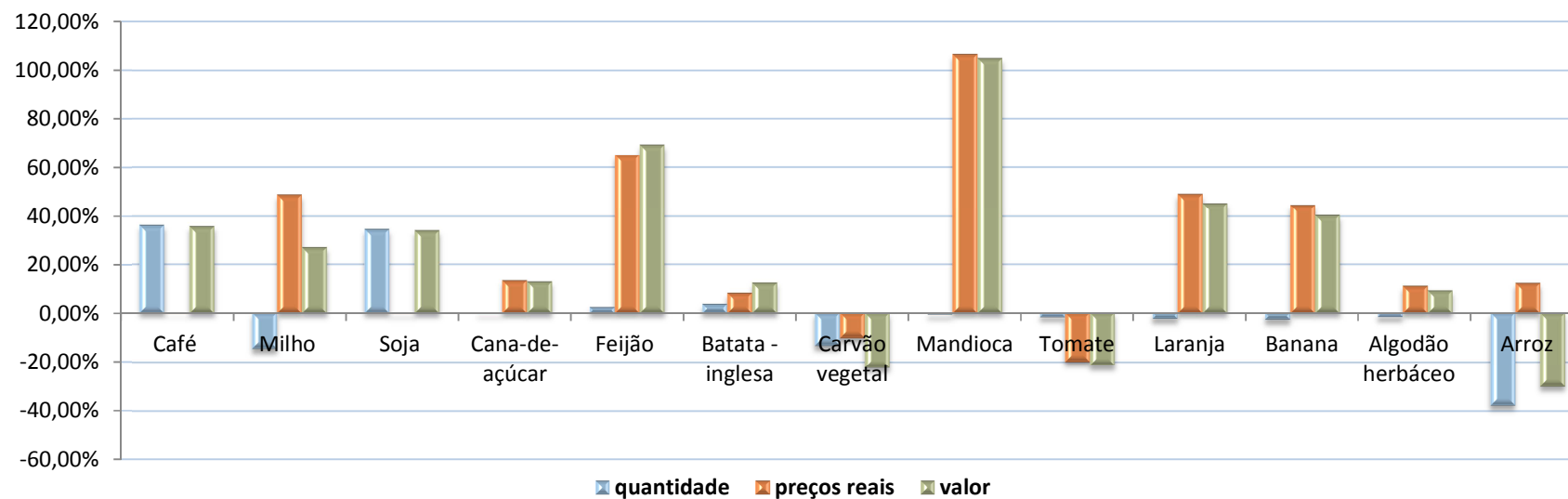


Figura 4. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento das lavouras (jan a dez de 2016/jan a dez de 2015).

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faeng e Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

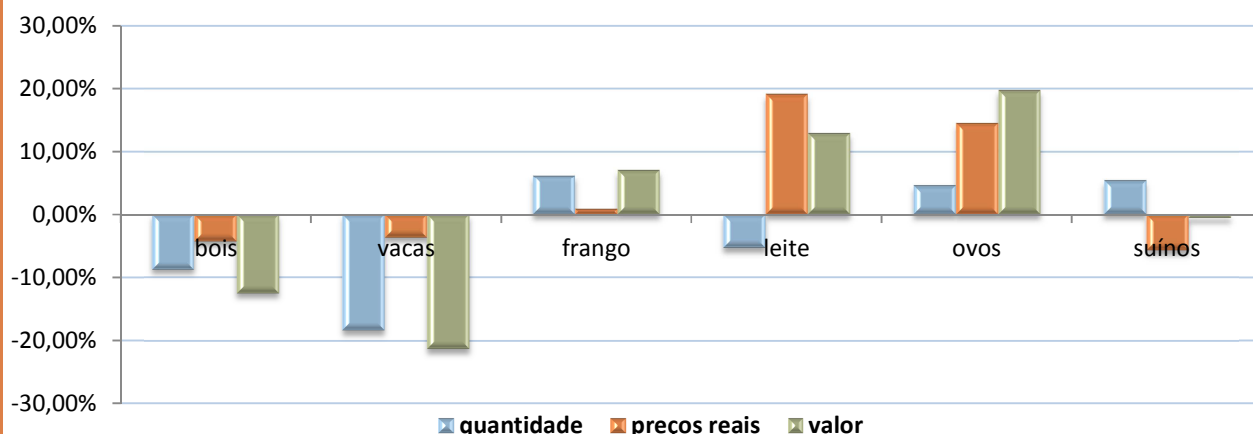


Figura 5. Variação anual do volume, dos preços e do faturamento da pecuária (jan a dez de 2016/ jan a dez de 2015).
Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro teve queda de 0,23% em dezembro de 2016, com baixa de 0,18% no ramo agrícola e de 0,52% no pecuário. No acumulado do ano, houve alta de 12,84% neste segmento, com queda de 7,16% no ramo industrial de base pecuária e crescimento de 17,11% no de base agrícola.

As indústrias relacionadas à agricultura que apresentaram expectativa de expansão anual em 2016 foram: açúcar (77,08%), etanol anidro (24,36%), café (9,04%), bebidas (3,12%) e têxtil (2,11%). Nas demais indústrias relacionadas à agricultura, a expectativa é de quedas em óleo de soja refinado (-17,42%), etanol hidratado (-10,69%), fumo (-5,31%) e papel e celulose (-5,03%).

Para a indústria do café, a variação nos preços reais (descontada a inflação) fechou o ano positiva, com 4,55% no acumulado. Para a quantidade, avalia-se crescimento de 4,30%. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), a alta nos preços no ano foi associada principalmente à valorização do robusta, utilizado na composição dos *blends* disponibilizados ao mercado brasileiro. Já com relação à demanda, esta permaneceu positiva, apesar da crise econômica no período.

Na agroindústria sucroenergética, o déficit global e a maior procura externa por açúcar marcaram 2016 e fizeram com que as cotações se mantivessem em patamares elevados ao longo do ano, segundo a equipe Açúcar/Cepea. As usinas priorizaram a produção do adoçante, dada a maior remuneração. No mercado de etanol, a valorização do etanol hidratado está atrelada à menor oferta do combustível; já o etanol anidro foi impulsionado pelo aumento da demanda, segundo a equipe Etanol/Cepea. Em 2016, na comparação real com 2015, as cotações do açúcar elevaram-se 38,68%, ante os 13,03% do etanol hidratado e 12,97% do anidro. Quanto à produção, verificaram-se aumentos de 27,69% para açúcar e de 10,08% para etanol anidro, mas queda de 20,99% para hidratado.

Na indústria têxtil, a produção fechou o ano com pequeno crescimento de 0,80% , mas aumento nos preços reais de 1,30% na comparação entre períodos. Ao longo de 2016, a indústria têxtil se defrontou com a demanda enfraquecida. Já com relação aos preços, o Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário (Sintex) destacou que a taxa de câmbio influenciou nos custos de produção, que acabaram sendo repassados, em parte, ao consumidor final.

Para a agroindústria de papel e celulose, o recuo no faturamento é motivado pela queda nos preços reais em 2016 frente a 2015 (-7,98%), mas com elevação da produção em (3,20%). Em 2016, a indústria de

papel e celulose chegou a ser beneficiada pelo patamar desvalorizado do Real frente ao dólar, mas, diante do recuo dos preços da celulose provocado pela maior oferta de produto, a rentabilidade do setor foi prejudicada.

A indústria do fumo apresentou queda de 7,8% na produção, mas com aumento de 2,70% nas cotações comparando-se janeiro a dezembro de 2016 com o mesmo período de 2015. Já na indústria de bebidas, os preços caíram 2,35% em 2016, enquanto a produção registrou aumento de 5,6%.

Os resultados referentes ao segmento industrial da agricultura estão resumidos na Figura 6 e na Tabela 11.

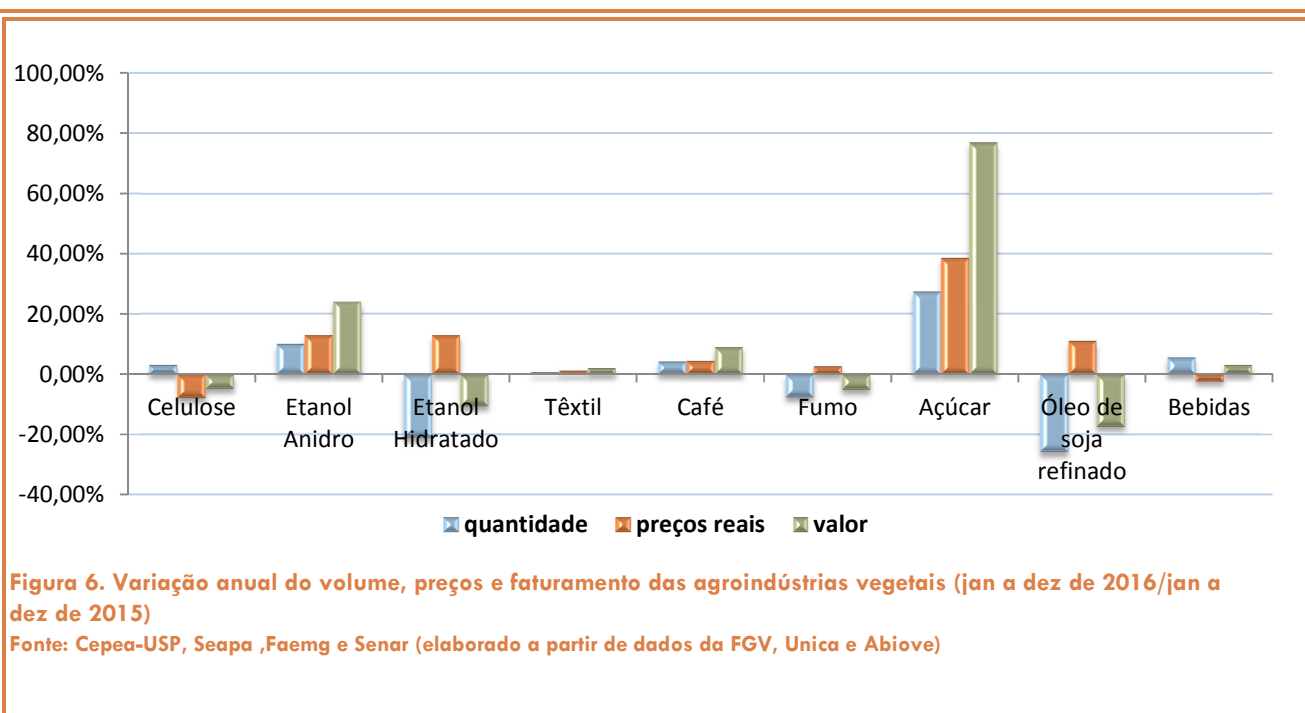
A agroindústria de *processamento animal* seguiu em queda, registrando baixa de 0,52% na projeção de dezembro/16 e de 7,16% no ano de 2016 (Tabela 1). O resultado negativo reflete a retração de 11,94% na produção, já que houve aumento de 6,65% nos valores.

Com relação aos lácteos, UHT, queijos, pasteurizado e leite em pó fecharam o ano com valorização real das cotações no estado, de 16,48%, 16,30%, 15,66%, e 8,51%, respectivamente, frente a 2015. Quanto à produção, todos os lácteos apresentam queda anual: de 29,202% para queijos; de 18,88% para leite em pó; de 16,50% para leite pasteurizado e de 16,03% para UHT. De acordo com a equipe Leite/Cepea, a valorização dos derivados ao longo do ano esteve atrelada à alta nas cotações do leite, devido à baixa oferta da matéria-prima. Já a demanda, por outro lado, manteve-se enfraquecida, dada a combinação de alto patamar de preços e crise econômica.

No mercado de carnes, a queda mais expressiva nos preços foi a carne suína que, no acumulado do ano, apresentou desvalorização de 8,29% em termos reais. Já a produção desta proteína teve elevação de 5,36%. Segundo pesquisadores do Cepea, o cenário para a carne suína foi conturbado devido à demanda enfraquecida no mercado doméstico. A crise econômica brasileira diminuiu o poder de compra da população, restringindo o consumo, de maneira geral.

O mercado de carnes bovinas, vaca e boi acumularam queda no faturamento, de 21,42% a.a. e 12,53% a.a., respectivamente. Tais resultados devem-se ao recuo na produção, de 18,30% para vacas e 8,66% para bois. Os preços também seguiram em baixa para ambos, de 4,23% para bois e de 3,82% para vacas em 2016 com relação a 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, o setor sofreu as consequências da crise econômica, alta da inflação e desemprego recorde. Neste cenário, o consumo de carne bovina ficou limitado e restringiu o aumento dos preços. Além disso, as exportações brasileiras recuaram em 2016, por conta da menor demanda internacional, especialmente de países dependentes do petróleo.

Os resultados referentes ao segmento industrial da pecuária estão resumidos na Figura 7 e na Tabela 12.



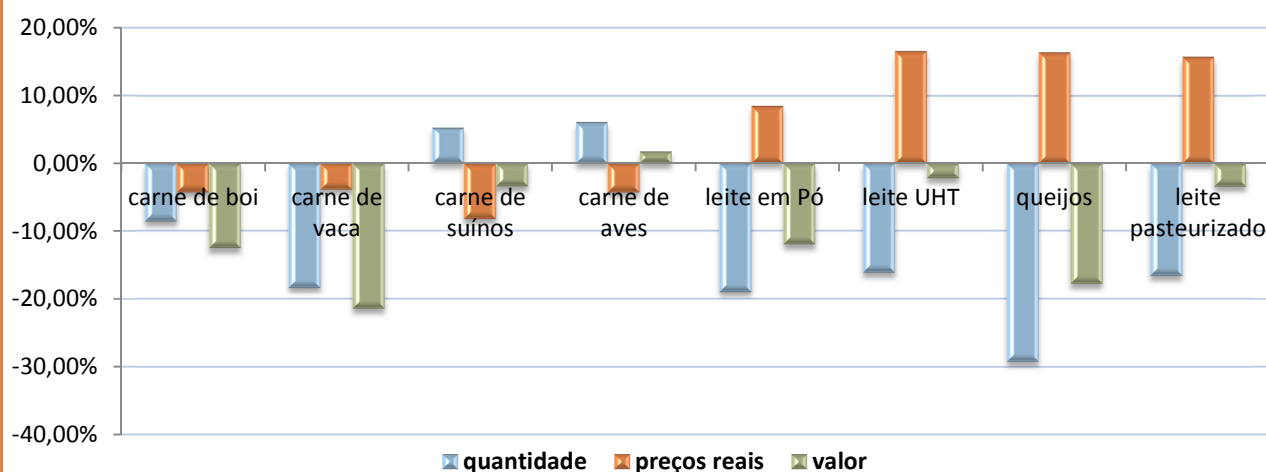


Figura 7. Variação anual do volume, preços e faturamento das agroindústrias animais (jan a dez de 2016/jan a dez de 2015)

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove)

SERVIÇOS

O segmento de serviços do agronegócio apresentou pequena queda de 0,06% em dezembro/16, mas fecha o ano com elevação acumulada de 8,20% de janeiro a dezembro/16. Nas atividades do ramo agrícola, houve avanço de 0,16% no mês e, no pecuário, recuo de 0,37%. Na variação anual, a alta foi de 20,09% no ramo agrícola, mas queda de 4,67% no pecuário.

PARTICIPAÇÕES

Considerando-se as informações até dezembro/16, as participações dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais ficaram da seguinte forma: primário (37,77%), serviços (30,84%), industrial (25,74%) e insumos (5,65%).

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos seguiu com a menor participação, de 4,33%. Para os demais segmentos, tem-se: serviços com 32,10% e primário com 23,84%, mantendo-se nas posições intermediárias, enquanto a indústria segue com maior representatividade, de 39,72%.

Em relação à pecuária, a indústria representa 8,37%, parcela próxima à dos insumos (7,28%), que tem a menor participação. O segmento primário tem a maior parcela, de 55,09%, enquanto serviços fica em segundo lugar, com 29,26% (Figura 8).

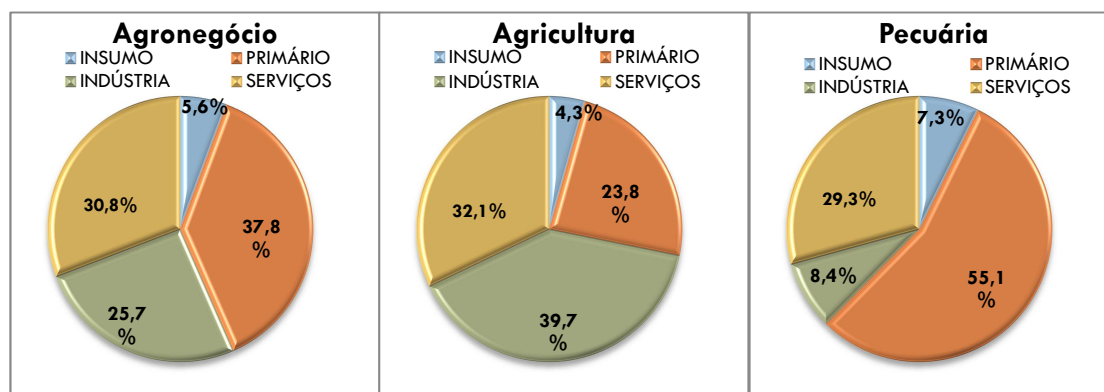


Figura 8. Participações percentuais dos segmentos na geração do PIB do agronegócio de Minas Gerais em dezembro de 2016

Fonte: Cepea-USP, Seapa, Faemg e Senar

O PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de dezembro/16, passa a ter participação de 13,84% no PIB brasileiro do agronegócio (Tabela 4). Entre os segmentos, apenas o primário apresentou queda na participação, na comparação com os segmentos no contexto nacional, ficando com 14,53%. Serviços, indústria e insumos foram avaliadas com 13,88%, 13,20% e 12,39% de participação.

É importante ressaltar que tais participações são sempre reajustadas, uma vez que os números contidos neste relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês de elaboração – neste caso, março/17, com dados alusivos a dezembro de 2016. As estimativas de safra e de abate (correntes e passadas) passam por revisões ao longo dos meses, tanto para Minas Gerais quanto para o agregado nacional do agronegócio, influenciando diretamente na revisão mensal destes valores.

ANÁLISES CONJUNTURAIS²

Em 2016, o Brasil exportou 28,9 milhões de toneladas de **açúcar cristal**, segundo dados da Secex, um recorde, cenário que também influenciou as altas nos preços domésticos ao longo do ano. Tomando-se como base as médias mensais, de abril/16 a dezembro/16, o Indicador CEPEA/ESALQ do açúcar cristal, para o mercado paulista, foi de R\$ 87,66/saca de 50 kg, 38% superior ao da safra passada (2015/16, considerando-se o período de abril/15 a dezembro/15, de R\$ 63,47/saca de 50 kg) – valores deflacionados pelo IGP-DI de novembro/16. Nos primeiros meses da temporada 2016/17 (de abril/16 a maio/16), os preços do açúcar estiveram em queda, mas ainda se mantiveram em patamares acima dos observados nos mesmos meses da safra anterior (2015/16). A partir de junho, as estimativas indicando déficit global de açúcar impulsionaram os valores no Brasil. Em novembro, as cotações perderam o ritmo de alta e passaram a registrar pequenas quedas diárias, cenário que persistiu em dezembro. Vale lembrar que, geralmente, o volume de compra de açúcar entre novembro e dezembro diminui, enfraquecendo as cotações do produto no período.

Em relação aos **etanóis**, no balanço da temporada (de abril/16 a dezembro/16), os Indicadores CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) tiveram médias de R\$ 1,6425/litro para o hidratado e de R\$ 1,8164/l para o anidro, as mais altas dos últimos quatro anos safras, em termos reais (deflacionado pelo IGP-M de dezembro). Frente à safra anterior, os aumentos foram de 8,2% para o hidratado e de 8,8% para o anidro. O término antecipado da colheita decorreu principalmente do clima adverso (excesso de chuvas e geadas). Segundo dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), foram processadas 588,9 milhões de toneladas de cana na região Centro-Sul, volume 1,9% maior que no mesmo período de 2015. De etanol, foram produzidos 14,25 bilhões de litros de hidratado (-11,9%) e 10,49 bilhões de litros de anidro (2,24%). De abril a dezembro, foram exportados 1,154 bilhão de litros (anidro e hidratado), queda de 24,4% ante igual intervalo da temporada anterior, de acordo com a Secex.

Com relação ao **algodão** em pluma, os preços seguiram em alta na maior parte de 2016, fechando o ano com aumento de 22,69%. O impulso veio da baixa disponibilidade de pluma no mercado doméstico, visto que boa parte da safra 2015/16 foi comprometida antecipadamente e houve quebra na colheita. A média do Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias, referente à pluma, posta em São Paulo, foi de R\$ 2,5723/lp, 22,5% superior à de 2015. A maior média mensal de 2016, de R\$ 2,7632/lp, foi observada em maio, e a menor, de R\$ 2,5231/lp, em setembro. No ano de 2016, foram exportadas 804,9 mil toneladas de pluma brasileira, 3,51% abaixo do volume embarcado em todo o ano de 2015, segundo dados da Secex, com um faturamento de US\$ 1,2 bilhão, 5,79% inferior ao ano anterior. Enquanto foram

² Esta seção apresenta informações do relatório Agromensal, realizado mensalmente pelas equipes de pesquisa do Cepea-Esalq/USP e disponíveis em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/categoria/agromensal.aspx>. Os dados apresentados referem-se ao contexto do mercado brasileiro, não se restringindo à conjuntura do estado de Minas Gerais.

adquiridas 27 mil toneladas de pluma, quase 13 vezes acima do volume total de 2015, de apenas 2,1 mil toneladas, de acordo com a Secex. Esse resultado esteve atrelado aos menores preços de importação que, em 2016, tiveram média de US\$ 0,8381/lp, a mais baixa desde 2011.

Para o **café**, ao longo do ano o Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor, posto em São Paulo, variou de R\$ 450,15/sc a R\$ 577,74/sc. Os valores do arábica iniciaram 2016 próximos dos R\$ 500,00, mas recuaram a partir de março, registrando o menor patamar de 2016 no final de abril. Na parcial da safra (de julho/16 a dezembro/16), a média do Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor, posto em São Paulo, foi de R\$ 507,48/sc, 11,89% superior à do mesmo período da temporada anterior. As exportações de café verde somam 12,81 milhões de sacas, segundo dados do Cecafé, conferindo US\$ 2,145 bilhões. Já a cotação do café robusta, pela primeira vez na história, superou a do arábica. Na segunda quinzena de outubro, o Indicador CEPEA/ESALQ do robusta tipo 6 peneira 13 acima, a retirar no Espírito Santo, chegou a ficar 13,17 reais/saca acima do Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6, bebida dura para melhor, posto na capital paulista. Em meados de agosto, o Indicador do robusta ultrapassou os R\$ 500,00/sc de 60 kg e começou a registrar recordes reais praticamente diários da série do Cepea, a máxima foi atingida em 14 de novembro, de R\$ 552,28/sc. Segundo a Conab, a safra 2016/17 de robusta foi fortemente prejudicada pelo clima seco tanto no Espírito Santo quanto em Rondônia, com recuo de 25% na produção frente à temporada anterior.

Com relação ao **milho**, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa, referente à região de Campinas (SP), encerrou 2016 registrando alta de 3,6% no ano, a R\$ 38,17/saca de 60 kg no dia 29 de dezembro. O Indicador esteve em patamar elevado ao longo de todo o primeiro semestre e atingiu recorde nominal no início de junho, quando fechou a R\$ 53,91/saca de 60 kg, expressiva alta de 46,4% na primeira metade de 2016. No balanço do ano, a média superou em 53,1% à de 2015. O impulso veio da baixa oferta do cereal, em decorrência do reduzido estoque inicial da safra 2015/16 e da quebra de 14,3% na produção de verão. De janeiro a junho, o Brasil exportou 12,3 milhões de toneladas de milho, volume muito superior aos 5,3 milhões embarcados no mesmo período de 2015. No geral, ao longo do segundo semestre, a menor atratividade do milho brasileiro no mercado internacional, por conta do preço elevado, reduziu fortemente as exportações brasileiras. No segundo semestre (de julho/16 a dezembro/16), as exportações brasileiras somaram apenas 9,6 milhões de toneladas, já as importações, de janeiro/16 a dezembro/16, somaram 2,9 milhões de toneladas.

No caso da **soja**, o Indicador da soja Paranaguá ESALQ/BM&FBovespa, referente ao grão depositado no corredor de exportação e negociado na modalidade spot (pronta entrega), no porto de Paranaguá (PR), teve média de R\$ 81,50/saca de 60 kg em 2016, a maior da série do Cepea, em termos nominais. A média ponderada da soja no Paraná, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, foi de R\$ 77,43/saca 60 kg em 2016, também recorde nominal da série. Em abril, especificamente, as vendas externas de soja em grão ultrapassaram 10 milhões de toneladas. De janeiro a junho, o Brasil exportou 38,56 milhões de toneladas, volume nunca visto antes para esse período. Importadores chegaram a pagar mais de R\$ 95,00/sc de 60 kg em junho, enquanto indústrias já estavam com a margem de esmagamento reduzida.

Em relação ao **boi gordo** pode-se dizer que, apesar da baixa oferta de animais para abate na maior parte do ano, os preços da arroba atravessaram 2016 sem registrar reações expressivas. Ao longo de todo o ano, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo) oscilou entre R\$ 147,38 e R\$ 159,49, apenas. A média do Indicador em dezembro/16 superou em 1,7% a de dezembro/15, em termos nominais. Quando considerados os efeitos da inflação, no entanto, a média ficou 4,4% abaixo.

Com relação à **suinocultura**, o suíno vivo negociado na região de SP-5 (Bragança Paulista, Campinas, Piracicaba, São Paulo e Sorocaba) foi cotado a R\$ 4,52/kg em dezembro/16, superando em 7,9% a média de dezembro/15 – ao longo do último mês do ano, a valorização foi de 6,5%. Quanto à carne, o preço médio da carcaça especial no atacado da Grande São Paulo foi de R\$ 7,11/kg, aumento nominal de 10,1% frente à média do mesmo mês de 2015 e de 10,7% de 30 de novembro a 29 de dezembro. As exportações brasileiras de carne suína foram recordes em 2016, totalizando 704 mil toneladas, quantidade 33,8% maior que a de 2015. A receita somou US\$ 1,44 bilhão no ano, aumento de 16,9% em igual comparativo, segundo dados da Secex.

No mercado de **leite**, o preço médio do leite ao produtor caiu pelo quarto mês seguido em dezembro, refletindo ainda os efeitos da demanda enfraquecida ao consumidor final. Segundo levantamento do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, na “média Brasil”, a cotação líquida (sem

frete e impostos) de dez/16 foi de R\$ 1,1910/litro, baixa de 3,4% (ou de 4,2 centavos/litro) em relação a novembro. No balanço do ano, porém, a média nacional subiu 18,2%, em termos reais (valores deflacionados pelo IPCA de nov/16). De outubro para novembro, o Índice de Captação de Leite do Cepea (ICAP-L/Cepea) teve ligeira alta de 0,6%. Nesse período, houve recuo de 4,7% na produção de Santa Catarina, de 2,5% no Rio Grande do Sul e de 0,4% no Paraná. Já em Goiás, em novembro, a captação aumentou 5,7%, em São Paulo, 4,5%, em Minas Gerais, 0,9% e, na Bahia, 0,43%.

CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro apresentou alta de 0,05% em dezembro, fechando o ano com crescimento de 8,20%. O resultado positivo segue atrelado principalmente ao ramo agrícola, que cresceu 0,29% no mês e 19,76% no ano, enquanto o pecuário apresentou retração de 0,24% em dezembro e queda acumulada de 3,40%. A participação estimada do agronegócio mineiro no PIB do agronegócio nacional fechou o ano em 13,84%, com elevação nos segmentos de insumos, industrial e serviços, mas com queda apenas no segmento primário – ressalta-se, no entanto, que esses valores passam por revisão a cada relatório, devido à atualização das estimativas, tanto no País quanto no estado de Minas Gerais.

Ao longo do ano, o segmento primário da agricultura foi destaque, com crescimento significativo em preços reais (13,02%) e quantidade (17,31%). Destaca-se o desempenho do café, com grande crescimento em produção para o ano (36,42%), sendo este o produto com maior participação neste segmento no estado. Em 2017, o segmento deve seguir com resultado positivo, tendo em vista as safras recordes previstas, conforme informações da Conab.

No segmento primário do ramo pecuário, enquanto a avicultura acumula resultados positivos, bovinos e suínos seguem em baixa. Tal fato segue refletindo, em certa medida, a substituição do consumo de proteínas mais caras pelas de menor valor. Já no segmento industrial, o setor sucroenergético foi destaque em 2016, beneficiado pelo alto patamar de preços do açúcar no mercado global. As indústrias de café e bebidas também registraram desempenhos positivos.

Com relação ao ambiente macroeconômico brasileiro, a conjuntura de 2016 confirmou-se desfavorável, com recuo de 3,6% no PIB nacional, segundo o IBGE. Ao longo do ano, foram registradas queda no nível de emprego, mas destaca-se a reversão da tendência inflacionária e a desvalorização cambial. O ano de 2017 segue no campo da incerteza, ainda que as projeções do mercado, até o momento, já deem sinais de recuperação. De acordo com o relatório Focus do Banco Central (de 10 de março de 2017), prevê-se crescimento de 0,48% do PIB brasileiro em 2017, com IPCA próximo ao centro da meta de inflação, e taxa de câmbio a um patamar próximo ao atual. Tais projeções indicam melhora nas expectativas do mercado, mas ainda é necessário fazer uma ressalva quanto à resiliência da crise político-institucional brasileira e à incerta eficácia das reformas apresentadas pelo governo até o momento, que, aliados à elevação sistemática da taxa de desemprego e à queda de renda da população, ainda não impedem a configuração de perspectivas mais otimistas, tanto para a economia como um todo, quanto para o agronegócio brasileiro e mineiro.

TABELAS DE DADOS

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2015 e 2016 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/15	-5,20	-0,51	1,47	0,43	-0,04
jan/16	0,59	-0,23	1,10	0,36	0,33
fev/16	0,89	0,25	1,61	0,80	0,80
mar/16	-0,08	0,02	1,51	0,67	0,59
abr/16	-0,12	0,11	1,01	0,45	0,43
mai/16	1,58	0,37	0,50	0,33	0,46
jun/16	1,10	0,59	0,90	0,66	0,72
jul/16	-0,23	0,41	0,59	0,45	0,43
ago/16	-3,39	1,48	1,46	1,40	1,16
set/16	8,23	0,84	1,26	0,98	1,41
out/16	-5,13	0,50	0,62	0,48	0,18
nov/16	-0,46	1,27	1,83	1,40	1,35
dez/16	0,92	0,20	-0,23	-0,06	0,05
Acum. no ano (2015)	4,23	-3,32	5,67	1,23	0,62
Acum. no ano (2016)	3,40	5,96	12,84	8,20	8,20

AGRICULTURA					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/15	-8,71	0,47	1,88	1,54	0,83
jan/16	0,84	1,58	1,47	1,50	1,47
fev/16	1,29	1,84	2,19	2,11	2,04
mar/16	-0,40	1,75	2,00	1,94	1,80
abr/16	-0,54	1,07	1,48	1,38	1,25
mai/16	2,19	2,55	0,80	1,22	1,39
jun/16	0,87	2,76	1,17	1,55	1,63
jul/16	-1,48	2,29	0,71	1,10	1,08
ago/16	-7,08	3,07	1,62	1,98	1,64
set/16	13,61	2,35	1,51	1,72	2,32
out/16	-9,47	1,71	0,84	1,06	0,60
nov/16	-1,41	4,06	2,30	2,75	2,69
dez/16	0,76	1,15	-0,18	0,16	0,29
Acum. no ano (2015)	6,55	3,57	6,18	5,54	5,41
Acum. no ano (2016)	-2,46	29,52	17,11	20,09	19,76

PECUÁRIA					
	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio Total
dez/15	-2,11	-0,90	-0,41	-0,74	-0,89
jan/16	0,38	-0,96	-0,67	-0,86	-0,82
fev/16	0,56	-0,40	-1,15	-0,64	-0,47
mar/16	0,18	-0,71	-0,92	-0,77	-0,68
abr/16	0,23	-0,31	-1,35	-0,64	-0,46
mai/16	1,09	-0,58	-1,07	-0,74	-0,56
jun/16	1,29	-0,38	-0,51	-0,42	-0,29
jul/16	0,80	-0,47	-0,09	-0,35	-0,31
ago/16	-0,42	0,73	0,54	0,67	0,61
set/16	4,18	0,11	-0,16	0,02	0,34
out/16	-1,57	-0,11	-0,63	-0,28	-0,31

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a dezembro/16 elaborada com dados disponíveis até março/17.

nov/16	0,26	-0,15	-0,87	-0,38	-0,25
dez/16	1,04	-0,30	-0,52	-0,37	-0,24
Acum. no ano (2015)	2,40	-5,83	3,35	-3,06	-3,77
Acum. no ano (2016)	8,22	-3,49	-7,16	-4,67	-3,40

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2004 a 2016

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,83	19,26	-2,58	8,06	9,87
2005	1,27	-12,50	6,03	-3,54	-4,98
2006	-2,59	14,55	21,27	16,56	15,49
2007	13,64	5,81	4,54	6,34	6,14
2008	32,75	13,81	1,41	7,42	10,08
2009	-9,14	-8,57	5,44	-2,05	-3,53
2010	-6,79	12,56	21,97	16,71	14,68
2011	19,00	18,27	2,47	9,10	11,37
2012	1,61	-9,93	-3,02	-6,45	-6,47
2013	-7,03	12,15	8,18	10,83	9,41
2014	1,56	10,62	2,14	6,80	6,82
2015	4,23	-3,32	5,67	1,23	0,62
2016	3,40	5,96	12,84	8,20	8,20

AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	9,77	14,76	-4,34	1,34	3,35
2005	-3,45	-4,20	6,35	2,80	1,52
2006	-6,51	-1,16	26,87	18,07	14,29
2007	22,39	-4,27	1,13	-0,29	0,48
2008	38,66	22,60	-0,04	5,67	9,36
2009	-16,37	-9,45	8,14	2,99	0,12
2010	-11,86	17,69	25,08	23,18	20,32
2011	19,13	19,68	2,92	7,04	8,83
2012	2,90	2,06	-2,67	-1,37	-0,78
2013	-9,05	-10,18	6,19	1,54	-0,30
2014	3,36	-3,76	0,01	-0,94	-1,00
2015	6,55	3,57	6,18	5,54	5,41
2016	-2,46	29,52	17,11	20,09	19,76

PECUÁRIA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	7,31	9,20	8,56
2011	18,89	17,56	0,00	11,79	14,41
2012	0,61	-16,06	-5,05	-12,82	-12,97
2013	-5,43	26,04	19,74	24,03	22,08

2014	0,18	17,00	13,14	15,81	15,15
2015	2,40	-5,83	3,35	-3,06	-3,77
2016	8,22	-3,49	-7,16	-4,67	-3,40

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2004 a 2016 (R\$ milhões de 2016)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7.447	45.919	22.924	32.445	108.735
2005	7.541	40.178	24.307	31.296	103.323
2006	7.346	46.022	29.479	36.480	119.327
2007	8.348	48.694	30.818	38.793	126.652
2008	11.081	55.416	31.251	41.671	139.419
2009	10.068	50.668	32.952	40.815	134.503
2010	9.385	57.032	40.194	47.636	154.247
2011	11.168	67.452	41.188	51.970	171.778
2012	11.348	60.754	39.943	48.619	160.665
2013	10.550	68.137	43.212	53.885	175.784
2014	10.714	75.377	44.137	57.550	187.778
2015	11.167	72.873	46.640	58.257	188.937
2016	11.547	77.215	52.627	63.035	204.425
AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.632	16.104	18.438	16.656	54.830
2005	3.506	15.428	19.609	17.122	55.665
2006	3.278	15.250	24.878	20.217	63.622
2007	4.012	14.598	25.159	20.159	63.928
2008	5.563	17.898	25.149	21.301	69.910
2009	4.652	16.207	27.195	21.939	69.993
2010	4.100	19.074	34.016	27.024	84.214
2011	4.885	22.828	35.010	28.928	91.651
2012	5.026	23.298	34.077	28.532	90.933
2013	4.572	20.926	36.188	28.970	90.656
2014	4.725	20.139	36.190	28.698	89.752
2015	5.035	20.857	38.426	30.288	94.606
2016	4.911	27.014	45.001	36.372	113.298
PECUÁRIA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.815	29.815	4.486	15.789	53.905
2005	4.035	24.750	4.698	14.174	47.657
2006	4.068	30.772	4.601	16.264	55.705
2007	4.336	34.096	5.659	18.634	62.724
2008	5.518	37.519	6.102	20.369	69.509
2009	5.416	34.461	5.757	18.876	64.510
2010	5.285	37.958	6.178	20.612	70.033
2011	6.283	44.623	6.178	23.043	80.127
2012	6.322	37.456	5.866	20.088	69.732
2013	5.978	47.212	7.024	24.914	85.128
2014	5.989	55.237	7.948	28.852	98.026
2015	6.132	52.016	8.214	27.969	94.331
2016	6.636	50.201	7.626	26.663	91.127

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	10,02	13,56	6,56	8,93	9,66
2005	11,31	13,15	6,95	8,91	9,63
2006	11,37	15,39	8,19	10,29	11,07
2007	11,38	14,51	8,21	10,24	10,89
2008	12,60	14,40	8,11	10,45	11,09
2009	13,16	14,25	8,90	10,69	11,36
2010	12,22	14,46	10,18	11,69	12,11
2011	12,89	15,30	10,57	12,31	12,82
2012	12,90	14,18	10,67	11,86	12,35
2013	11,92	14,60	11,17	12,64	12,85
2014	11,98	15,50	11,47	13,37	13,50
2015	12,03	14,60	12,03	13,41	13,36
2016	12,39	14,53	13,20	13,88	13,84
AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	7,51	8,00	6,20	6,56	6,85
2005	8,51	9,07	6,56	7,01	7,38
2006	8,10	8,99	7,99	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,79	7,55	7,73
2008	9,58	8,04	7,61	7,68	7,87
2009	9,62	8,02	8,47	8,13	8,32
2010	8,51	8,41	9,89	9,35	9,27
2011	9,17	8,87	10,36	9,70	9,68
2012	9,29	9,06	10,43	9,69	9,75
2013	8,54	7,93	10,77	9,73	9,53
2014	8,95	7,61	10,88	9,77	9,51
2015	9,08	7,61	11,42	10,18	9,82
2016	9,16	8,95	12,95	11,50	11,12
PECUÁRIA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87

2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83
2010	18,45	22,65	12,11	17,44	19,17
2011	18,83	24,32	11,97	18,57	20,41
2012	18,65	21,84	12,29	17,40	18,92
2013	17,11	23,27	13,80	19,37	20,40
2014	16,35	24,90	15,25	21,13	21,92
2015	16,43	23,11	16,07	20,43	20,94
2016	16,75	21,86	14,93	19,34	19,89

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faemg / Senar.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO PRIMÁRIO												
Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Café	38,96	40,79	47,06	35,01	38,07	34,05	40,95	46,18	40,25	31,14	37,80	36,14
Cana-de-açúcar	5,74	6,33	10,68	11,70	8,91	12,58	14,42	13,13	12,92	14,63	14,34	14,09
Soja	14,20	10,80	8,32	10,87	11,19	12,71	9,36	8,83	11,36	12,68	12,95	12,97
Milho	13,32	13,04	10,18	16,19	14,04	11,47	9,02	10,87	11,80	11,18	10,43	10,15
Tomate	5,35	4,43	2,60	2,77	2,72	3,07	2,02	2,16	3,06	4,69	3,97	4,07
Feijão	4,49	6,41	4,57	6,16	9,79	5,52	6,12	3,91	6,51	6,04	3,84	4,70
Batata-inglesa	4,77	5,99	4,56	5,55	4,13	6,91	5,24	2,53	3,03	6,50	3,56	5,15
Banana	2,52	2,49	3,29	2,92	2,70	3,21	3,24	2,66	2,43	3,62	3,52	3,56
Algodão	1,35	1,21	0,79	0,75	0,53	1,02	1,31	2,70	1,45	1,24	1,25	1,16
Laranja	1,04	1,22	1,20	0,64	1,20	1,79	1,79	1,25	0,80	0,56	0,91	0,99
Carvão vegetal	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	0,86	0,53
Arroz	1,74	0,86	0,71	0,97	0,83	0,78	0,89	0,78	0,67	1,08	0,00	0,00
Mandioca	1,16	0,75	0,54	0,60	0,42	0,32	0,23	0,08	0,07	0,0	1,1	0,9
Outros	3,37	3,68	3,50	3,86	3,49	5,59	4,42	3,91	4,63	5,64	5,48	5,60
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO PRIMÁRIO												
Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Boi vivo	37,64	35,18	41,40	36,91	36,88	37,16	37,90	38,63	36,55	35,70	36,58	36,46
Vaca viva	21,68	13,00	21,32	18,53	18,65	17,56	16,81	21,42	15,33	16,46	19,01	19,15
Frango vivo	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,23	7,60	9,56	9,18	6,90	7,81
Leite natural	23,25	31,30	22,63	28,21	26,65	27,85	28,10	24,25	28,81	29,89	29,52	28,78
Ovos	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,90	2,67	3,32	2,74	2,33	2,39
Suíno vivo	5,41	6,76	4,40	4,55	5,92	5,29	6,05	5,43	6,43	6,03	5,66	5,41

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a dezembro/16 elaborada com dados disponíveis até março/17.

Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
--------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Combustíveis e Lubrificantes	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	9,73	11,70	12,72	12,54
Aduos, Fert. e Cor. Solo	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14	20,22	20,55	19,10	19,52	20,51
Alimentos para animais	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	69,72	69,20	67,76	66,95
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INSUMOS

Insumos para a Agricultura	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Combustíveis e Lubrif.	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	11,81	14,77	15,56	14,74
Aduos, Fert. e Cor. Solo	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	88,19	85,23	84,44	85,26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria da Pecuária	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Carne de boi	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	13,32	12,22	14,24	14,22	14,81	14,05
Carne de vaca	4,80	4,64	5,60	5,45	7,42	6,04	5,45	4,77	5,84	6,19	7,25	7,06
Carne suína	8,19	8,30	6,97	6,31	8,44	8,07	8,81	9,12	9,37	9,37	9,35	8,20
Carne de aves	12,47	13,17	12,66	11,60	12,91	13,69	12,93	14,11	15,36	15,23	12,23	12,46
Leite em pó	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	12,22	11,16	11,11	11,93	13,38	14,06
Leite UHT	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	16,69	20,14	23,67	23,36	21,43	22,95
Queijo	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	13,77	12,44	6,15	5,49	6,61	6,37
Leite pasteurizado	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	16,81	16,05	14,26	14,22	14,94	14,86
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria Agrícola	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Celulose, papel e produtos	21,45	20,81	16,16	19,04	17,67	13,31	12,62	11,22	11,50	11,80	11,60	13,46

de papel												
Álcool Anidro	11,69	14,40	19,77	14,25	13,81	10,94	12,18	18,43	17,56	23,27	23,10	19,21
Álcool Hidratado	11,09	15,72	18,22	24,86	27,91	29,43	29,44	23,55	18,05	21,32	23,38	27,44
Têxtil	9,76	9,37	7,43	6,92	5,84	4,84	4,13	3,66	3,53	3,59	3,30	2,24
Indústria do café	13,98	12,17	9,95	11,54	11,14	10,42	8,38	8,85	10,41	10,22	10,37	9,82
Indústria do fumo	0,87	0,83	0,69	0,68	0,64	0,62	0,49	0,48	0,49	0,44	0,42	0,48
Indústria do açúcar	13,9	15,59	19,16	12,14	11,73	21,97	25,44	24,71	28,41	21,50	20,62	19,95
Óleos soja refinado	12	6,61	4,93	6,68	7,69	4,95	4,29	6,25	7,20	5,29	4,71	5,04
Indústria de bebidas	5,25	4,50	3,70	3,90	3,57	3,51	3,03	2,86	2,83	2,56	2,50	2,36
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Cepea-USP / Seapa / Faeng / Senar.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2016 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	1,04	-0,30	-0,52	-0,37	-0,24
Agricultura	0,76	1,15	-0,18	0,16	0,29
Agronegócio total	0,92	0,20	-0,23	-0,06	0,05

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2016 (%)

	Insumos	Primário	Indústria	Serviços	Agronegócio
Pecuária	8,22	-3,49	-7,16	-4,67	-3,40
Agricultura	-2,46	29,52	17,11	20,09	19,76
Agronegócio total	3,40	5,96	12,84	8,20	8,20

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2016/15

	Combustíveis e Lubrificantes	Adbos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	-3,60	14,94	2,10
Preços reais	-3,86	-14,41	11,80
Valor	-7,32	-1,62	14,14

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2016/15

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata-inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	36,42	-14,56	34,72	-0,45	2,60	3,87	-13,40	-0,85	-1,87	-2,56	-2,90	-1,76	-37,79
Preços reais	-0,34	49,08	-0,34	13,60	65,13	8,44	-10,27	106,74	-19,85	49,27	44,77	11,29	12,43
Valor	35,95	27,37	34,25	13,09	69,42	12,64	-22,29	104,98	-21,35	45,45	40,57	9,34	-30,06

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2016/15

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	-8,66	-18,30	6,20	-5,21	4,55	5,36
Preços reais	-4,19	-3,57	0,90	19,18	14,57	-5,58
Valor	-12,49	-21,22	7,16	12,97	19,78	-0,52

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2016/15

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja	Bebidas
--	----------	---------------	--------	--------	------	------	--------	--------------	---------

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais – Análise referente a dezembro/16 elaborada com dados disponíveis até março/17.

	Hidratado				refinado				
Quantidade	3,20	10,08	-20,99	0,80	4,30	-7,80	27,69	-25,66	5,60
Preços reais	-7,98	12,97	13,03	1,30	4,55	2,70	38,68	11,08	-2,35
Valor	-5,03	24,36	-10,69	2,11	9,04	-5,31	77,08	-17,42	3,12

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2016/15

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	-8,66	-18,30	5,36	6,20	-18,88	-16,03	-29,20	-16,50
Preços reais	-4,23	-3,82	-8,29	-4,23	8,51	16,48	16,30	15,66
Valor	-12,53	-21,42	-3,38	1,71	-11,98	-2,19	-17,66	-3,42

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2002 a 2016(R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	3.632	22.397	11.181	15.825	53.034
2005	3.897	20.765	12.563	16.175	53.401
2006	3.862	24.196	15.498	19.180	62.736
2007	4.612	26.902	17.026	21.432	69.971
2008	6.810	34.054	19.204	25.607	85.675
2009	6.298	31.694	20.613	25.531	84.136
2010	6.198	37.665	26.545	31.460	101.868
2011	8.004	48.342	29.520	37.247	123.113
2012	8.619	46.145	30.339	36.929	122.032
2013	8.500	54.901	34.818	43.417	141.636
2014	9.096	63.990	37.470	48.856	159.411
2015	10.135	66.134	42.327	52.869	171.464
2016	11.547	77.215	52.627	63.035	204.425
AGRICULTURA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	1.771	7.855	8.993	8.124	26.743
2005	1.812	7.974	10.135	8.849	28.770
2006	1.723	8.017	13.079	10.629	33.449
2007	2.216	8.065	13.900	11.137	35.318
2008	3.418	10.998	15.454	13.090	42.961
2009	2.910	10.138	17.011	13.723	43.783
2010	2.708	12.597	22.465	17.847	55.616
2011	3.501	16.361	25.092	20.732	65.686
2012	3.818	17.696	25.883	21.671	69.068
2013	3.684	16.861	29.158	23.343	73.045
2014	4.012	17.097	30.723	24.362	76.194
2015	4.569	18.929	34.872	27.487	85.857
2016	4.911	27.014	45.001	36.372	113.298
PECUÁRIA					
	INSUMO	PRIMÁRIO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	TOTAL
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714

RELATÓRIO PIB AGRO Minas Gerais

2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.080	13.613	46.251
2011	4.503	31.981	4.428	16.515	57.427
2012	4.802	28.450	4.456	15.257	52.964
2013	4.817	38.040	5.660	20.074	68.591
2014	5.084	46.893	6.747	24.494	83.218
2015	5.565	47.205	7.454	25.383	85.607
2016	6.636	50.201	7.626	26.663	91.127

Fonte: Cepea-USP/Seapa /Faemg/Senar.

